

# A LEITURA DA OBRA DE JOSÉ J. VEIGA E A CONSTRUÇÃO DE SABERES GEOGRÁFICOS NO ENSINO FUNDAMENTAL<sup>1</sup>

*THE READING OF JOSÉ J. VEIGA'S WORK AND THE CONSTRUCTION OF GEOGRAPHICAL KNOWLEDGE IN FUNDAMENTAL TEACHING*

*LECTURE DE JOSÉ J. VEIGA TRAVAIL ET DE CONSTRUCTION EN SAVOIR GEOGRAPHIQUE ÉCOLE PRIMAIRE*

**Alex Tristão de Santana**

Instituto Federal Goiano, Campus Trindade

Membro do Grupo de Estudos Espaço, Sujeito e Existência “Dona Alzira”

santanageoufg@gmail.com

**Tatielle Esteves de Araújo Tristão**

Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás

Membro do Grupo de Estudos Espaço, Sujeito e Existência “Dona Alzira”

tatielleufg@gmail.com

**Resumo:** A leitura é uma prática social carregada de sentido espaço-temporal e se modifica de acordo com os novos conteúdos sociais e com as trajetórias socioespaciais dos sujeitos leitores. Numa sociedade marcada pelo discurso do conhecimento, da ciência e da tecnologia, dominar determinados códigos linguísticos e exercitar a leitura associativa e cumulativa tornou-se algo imprescindível. Isso sugere problematizar as práticas de leitura, uma vez que esta habilidade é golpeada por um mundo atravessado pela fragmentação da vida cotidiana, pela força das redes e pela imposição do consumo, sobretudo nos espaços metropolitanos. Estas indicações recomendam que a juventude contemporânea desenvolva novas experiências com universo da leitura e da escrita. Com isso, se propõe interpretar a relação entre Geografia e Literatura, através da análise da leitura geográfica que os alunos do Ensino Fundamental do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicados à Educação, da Universidade Federal do Goiás (CEPAE/UFG), realizaram do conto “A Máquina Extraviada”, de José J. Veiga. A metodologia empregada

1 Artigo produzido a partir da contribuição da Disciplina Tópicos em Análise do Discurso – Leitura, Escrita e Sujeito, ministrada pelo Prof. Dr. Agostinho Potenciano de Souza, do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Universidade Federal de Goiás; da experiência pedagógica no Centro de Ensino e Pesquisas Aplicados à Educação, da Universidade Federal de Goiás; e das discussões e debates empreendidos no âmbito do Grupo de Estudos Espaço, Sujeito e Existência “Dona Alzira”, da Universidade Federal de Goiás, coordenado pelo Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro.



consistiu na aplicação de atividade de leitura e escrita em sala de aula, com posterior análise dos textos produzidos pelos alunos.

**Palavras-chave:** Prática de leitura; Juventude; Ambiente escolar; Geografia; Literatura.

**Abstract:** Reading is a social practice saturated with a space-time meaning and is modified according to the new social contents and the socio-spatial trajectories of the readers. In a society accented by the discourse of knowledge, science and technology, mastering certain language codes and practicing associative and cumulative reading has become essential. All this suggests problematizing the reading practices, once this ability is struck by a world intersected by the fragmentation of daily life, by the strength of networks and consumption levy, especially in metropolitan areas. Such indications suggest that contemporary youth develops new experiences with the universe of reading and writing. With this in mind, it is proposed to interpret the relationship between Geography and Literature, through the analysis of the geographic reading that the students of the Elementary School of the Center of Education and Research Applied to Education, of the Federal University of Goiás (CEPAE/UFG) “The Lost Machine”, by José J. Veiga. The methodology used consisted in the utilization of reading and writing activity in the classroom, with later analysis of the texts produced by the students.

**Keywords:** Reading practice; Youth; School environment; Geography; Literature.

**Résumé:** La lecture est une pratique sociale chargée de sens espace-temps et change en fonction des nouveaux contenus sociaux et les trajectoires socio-spatiales des sujets lecteurs. Dans une société marquée par le discours de la connaissance, la science et la technologie dominer certains codes linguistiques et exercer la lecture associative et cumulative est devenue quelque chose d'essentiel. Cela donne à penser problematiser les pratiques de lecture, étant donné que cette capacité est frappé par un monde traversé par la fragmentation del vie quotidienne par la puissance des réseaux et l'imposition de la consommation, en particulier dans les régions métropolitaines. Ces indications suggèrent que la jeunesse contemporaine développe de nouvelles expériences avec la lecture et l'écriture univers. Ainsi, il est proposé d'interpréter la relation entre la géographie et la littérature, en analysant les étudiants de lecture géographique de l'école élémentaire de l'éducation appliquée et le Centre de recherche pour l'éducation, Université fédérale de Goiás (CEPAE /UFG), ont porté l'histoire “La lettre perdue machine «par José J. Veiga. La méthodologie a consisté à lire l'application de l'activité et l'écriture dans la salle de classe, avec une analyse ultérieure des textes produits par les étudiants.

**Mots-clés:** pratique de lecture; les jeunes; milieu scolaire; la géographie; Littérature

## INTRODUÇÃO

A prática da leitura está na essência do processo de ensino e aprendizagem. Ela envolve a capacidade de decodificação de símbolos e signos, letras do alfabeto e imagens,

mas também o aprimoramento de habilidades associativas e cumulativas, de análise e de síntese. A formação do leitor perpassa o entendimento da leitura como recurso capaz de ampliar o entendimento de noções e conceitos e um instrumento basilar no aprofundamento da percepção acerca dos fenômenos presentes no mundo.

Nesse sentido, promover o desenvolvimento das habilidades de leitura apresenta-se como exigência aos educadores e educadoras. Formar o aluno leitor é criar condições para o fortalecimento da cidadania, da cultura e da política. Ou seja, é contribuir na formação de sujeitos que consigam fazer a leitura crítica da sociedade, alargar os valores éticos e morais e problematizar a própria existência e a relação com o outro e com o espaço de vida.

Por esse viés é que se pensa a relação da Literatura com a Geografia, a partir de uma proposta educativa interdisciplinar. Isso sugere pensar os ambientes propícios ao incentivo da leitura através do contato com obras literárias, conhecer diferentes estilos e estratégias narrativas construídas pelos autores, extrair a dimensão espaço-temporal das obras e empreender a leitura geográfica, ou da dimensão geográfica, de romances, contos, crônicas entre outros.

Sendo assim, o objetivo deste artigo perpassa analisar a leitura geográfica que os alunos do Ensino Fundamental do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicados à Educação, da Universidade Federal do Goiás (CEPAE/UFG), realizaram do conto “A Máquina Extraviada”, de José J. Veiga.

Essa proposta surgiu a partir da experiência como professor substituto de Geografia no CEPAE. Nessa instituição, houve condições propícias à aproximação das disciplinas de Geografia e Português para o desenvolvimento de um trabalho interdisciplinar, a partir da obra *A Hora dos Ruminantes*, de José J. Veiga. O conteúdo aplicado em sala de aula pelos professores das duas disciplinas proporcionou leituras diferenciadas da narrativa, portanto, contribuíram para incorporar novos elementos à leitura dos alunos.

A participação na Disciplina Tópicos em Análise do Discurso – Leitura, Escrita e Sujeito, do Programa de Pós-Graduação em Letras Linguística, da Universidade Federal de Goiás, também foi fundamental. Conteúdos acerca do processo de leitura, do desenvolvimento da escrita e da dimensão dos sujeitos presentes, tanto no ato de leitura como no ato de escrita, contribuíram de forma significativa para se problematizar a temática.

Não menos importante a atuação junto ao Grupo de Estudos Espaço Sujeito e Existência “Dona Alzira” tem proporcionado um contato com discussões que versam a complexidade do espaço contemporâneo e suas implicações nos sujeitos, ou seja, no ato de produção e reprodução da existência.

Com o acúmulo dessas experiências, apresentou-se aos alunos do 9º Ano, do Ensino Fundamental do CEPAE, a proposta de leitura dos elementos geográficos do conto “A Máquina Extraviada”, de José J. Veiga. Além de reforçar a proposta inicial da atividade pedagógica com a obra *A Hora dos Ruminantes*, foi possível verificar as distintas apropriações que os alunos fizeram da leitura do conto “A Máquina Extraviada” e da obra do autor.

A metodologia consistiu numa atividade de leitura e escrita em sala de aula. Uma cópia impressa em folha A4 do conto “A máquina extraviada” foi entregue aos alunos. Logo após, houve a solicitação da leitura silenciosa, que balizou a produção de uma síntese escrita do texto. Ainda foi informado que a leitura deveria contemplar a dimensão geográfica da narrativa do autor. Os textos entregues pelos alunos serviram de substrato à elaboração deste artigo.

## O JOVEM LEITOR DO ENSINO FUNDAMENTAL DO CEPAE/UFG

A prática da leitura está presente em qualquer processo de ensino e aprendizagem. Por esse motivo, considera-se que a leitura é algo bastante presente na vida dos jovens, sobretudo no cotidiano da juventude das grandes cidades, que são bombardeadas diariamente por propagandas e anúncios de produtos, de brinquedos e de opções de lazer e entretenimento. Isso indica a necessidade de formação de leitores, conscientes e críticos.

Parte-se do pressuposto de que a sala de aula é o lugar privilegiado para se inserir a prática da leitura na rotina escolar dos alunos. Essa ideia assenta-se num princípio pedagógico de que a sala de aula deve ser um ambiente capaz de contribuir no desenvolvimento de diferentes habilidades dos sujeitos educandos, entre elas: a leitura, a escrita, a escuta e a discursividade.

Baseado nesse princípio é que se trabalhou a leitura geográfica da obra de José J. Veiga com os alunos do ensino fundamental do CEPAE, tendo como referência o conto “A Máquina Extraviada”. A escolha do texto não foi aleatória. Contemplou uma proposta de atividade interdisciplinar entre as disciplinas de Geografia e Português, a partir da obra *A Hora dos Ruminantes*, do mesmo autor.

Antes de fazer a análise específica da leitura que os alunos do ensino fundamental do CEPAE fizeram do conto acima citado, algumas questões surgem, a fim de contribuir na investigação, como, por exemplo: quais as singularidades desse jovem leitor, que frequenta os espaços de ensino e aprendizagem do CEPAE?

Não se pode correr o risco de fazer uma análise da leitura desses sujeitos sem considerar que os atos de leitura se modificam historicamente, conforme ressalta Chartier (1996). Neste sentido, considera-se que os livros ou os impressos não são os únicos suportes de leitura desses jovens. Pelo contrário, a adesão à leitura dos textos digitais tem se mostrado bastante presente nesse público, conforme demonstra Aurora Neta (2014). Isso leva a considerar que a leitura literária, tendo como suporte o livro impresso, não está na preferência desses leitores.

Por outro lado, há de se levar em conta que a formação do sujeito leitor não se reduz apenas à experiência com os textos. Chartier (2004), por exemplo, em entrevista a Isabela Lustosa, argumenta que é bastante difícil falar de um personagem ou de um indivíduo sem considerar “seu mundo social”. Santos, Chaveiro e Vilela (2014) também argumentam que nenhuma teoria contemporânea do sujeito reduziria a interpretação, ou a capacidade de leitura, apenas ao campo da formação intelectual, ou a experiência com leituras de

textos e livros. Todo sujeito participa de uma sociedade, com características singulares, sejam elas econômicas, políticas, culturais, espaciais e históricas.

Num exercício de pensar o sujeito contemporâneo e as práticas de leitura, Santos, Chaveiro e Vilela (2014, p. 10) dizem que:

[...] a vida de um sujeito é bem maior que o alfabeto, todavia, inclui, decisivamente, o pleito totalizante da linguagem, do qual o domínio das complexas combinações das letras do alfabeto, no sentido normativo e criativo, parece ser fundamental numa vida social marcada pela fábrica intensiva, pela agricultura de precisão, pelos artefatos de controle de uma sociedade tecnocêntrica.

Depreende-se da análise dos autores que pensar o ato de leitura entre os alunos do ensino fundamental do CEPAE requer considerar também “o mundo social do qual participam” (CHARTIER, 2004). Nesse caso, trata-se da metrópole goianiense, espaço atravessado pelos símbolos da globalização e da sociedade de consumo. Nela, encontra-se, por exemplo, a força econômica e simbólica das empresas multinacionais, do mercolazer, da cultura de massas, das tecnologias digitais, das mídias, dos shoppings centers, da esteticomania e do turismo (que mercantiliza as paisagens). E suas contradições: a literatura de autoajuda, a força das religiosidades, o desemprego, a violência, o trânsito caótico, o individualismo, a competitividade, a drogadição, a quimicização da emoção, os conflitos sociais, as resistências identitárias e culturais.

Subtrai-se disso que a juventude goianiense enfrenta cotidianamente as contradições do mundo contemporâneo, embaladas pelo processo de urbanização. Subjetividades frágeis emergem nesse contexto, como o narcisismo, o hedonismo, a fragmentação dos referenciais identitários e culturais.

A formação desse novo sujeito não está desassociada das transformações vivenciadas nas últimas décadas em decorrência do processo de modernização do território goiano, também denominado de modernização conservadora. Por um lado, ele criou a materialidade necessária à ação dos capitais internacionais e intensificou a urbanização e o modo de vida consumista. Por outro lado, promoveu poucas alterações nas estruturas sociais herdadas, agravando as desigualdades sociais e regionais, a exploração e a mobilidade do trabalho. A transição acelerada e violenta de um mundo rural para um mundo urbanizado é componente basilar da formação desse novo sujeito, de identidades fragmentadas, que procura novas referências no mundo urbano e tecnológico (CHAVEIRO; CALAÇA, 2008).

Outro elemento que envolve a análise da leitura do conto “A Máquina Extraviada” pelos alunos do ensino fundamental do CEPAE tem a ver com a própria complexidade do processo de leitura. Dito de outra forma, diz respeito à prática, singular e subjetiva, da construção de significados, ou atitude reflexiva e processos específicos de subjetivação/apropriação dos textos. Entre o ler e o apreender há um encadeamento de ações que envolvem a aquisição da informação, a elaboração do conhecimento e a construção de metacomentos (a sabedoria).

Para Orlandi (2009), há três relações dos sujeitos com o processo de significação: o inteligível, o interpretável e o compreensível. O inteligível se dá no campo da decodificação, ou seja, na capacidade de o leitor assimilar os códigos linguísticos sem, contudo, avançar para uma assimilação de conteúdo. O interpretável, em que o sujeito consegue atribuir sentido ao texto, sendo que prevalece uma relação direta entre o texto e o que ele significa. O compreensível, no qual o sujeito chega ao domínio da relação enunciação-enunciado, ou consegue *desconstruir* a relação entre a formulação da linguagem e a constituição do sentido.

A partir da proposta de Orlandi (2009), pode-se dizer que o jovem leitor do 9º ano do Ensino Fundamental do CEPAE possui as duas primeiras habilidades bem-desenvolvidas, a capacidade de decodificação e de interpretação. Contudo, ainda existe necessidade de aprimoramento da habilidade de compreensão, que demanda perceber a relação entre o autor, a obra e o sujeito leitor. Dessa forma, justifica-se a inserção da prática da leitura no processo de ensino e aprendizagem das diferentes disciplinas ou dos campos de conhecimento.

Essas considerações auxiliarão na análise da leitura do conteúdo espacial do conto “A Máquina Extraviada” realizada pelos alunos do Ensino Fundamental do CEPAE.

### **A LEITURA ESPACIAL DA OBRA DE JOSÉ J. VEIGA**

O conto “A Máquina Extraviada” de José J. Veiga narra a história de uma cidade pequena, também denominada de “sertão”. Nela, as pessoas se reconhecem, as crianças brincam nas praças sem preocupação com a violência, o ritmo de vida é pautado pelos ciclos da natureza. A chegada de uma máquina estranha no lugar altera abruptamente a rotina dos moradores, ao mesmo tempo em que instala um clima de mistério e admiração, dúvida e contemplação.

O texto foi publicado em 1967, como parte do livro de contos também intitulado “A Máquina Extraviada”. Nele, é possível observar o estilo literário do autor, marcado pelo *realismo fantástico*. Segundo Souza (1990), essa característica diferencia José J. Veiga da tradição regionalista dos escritores goianos. O realismo fantástico de Veiga, ao mesmo tempo em que supera o gênero fantástico, presente na literatura europeia e norte-americana, também contribui numa leitura singular do interior, ou do sertão brasileiro. Esses espaços não são considerados em suas particularidades regionais ou naquilo que os dicotomiza em relação a outros lugares. Pelo contrário, o “elemento estranho” do realismo fantástico de J. Veiga contribui na percepção do lugar da narrativa na sua relação com o mundo, com seus conflitos e contradições.

Com base na análise de Souza (1990) e, também, na leitura da obra *A Hora dos Ruminantes* e do conto “A Máquina Extraviada”, considera-se que a dimensão espaço-temporal presente na construção narrativa de José J. Veiga possui dois elementos centrais. O primeiro diz respeito ao lugar em que o autor vive sua infância. Nascido em 1915, numa fazenda localizada entre os municípios de Corumbá de Goiás e Pirenópolis, J. Veiga conhece o cotidiano, os ritmos e as singularidades das cidades pequenas do interior goiano, que surgiram no período colonial com a exploração do ouro e que se tornaram

funcionais à vida sertaneja, marcada pela ruralidade. Por outro lado, J. Veiga também vivenciou os marcos fundadores do processo de modernização do território goiano, como a chegada da ferrovia, que conectou Goiás ao oeste Paulista, e a construção de Goiânia, cujo objetivo foi contribuir na ocupação do Norte e do extremo Oeste do País.

O segundo elemento diz respeito à construção simbólico-narrativa desses lugares pelo autor. Após sofrer algum tipo de “invasão”, eles tornam-se espaços de “opressão”, “cerceamento”, “mistério” e “estranhamento” para seus antigos habitantes. Esse efeito é produzido pelo *realismo fantástico*. O elemento estranho introduzido ao longo da narrativa promove a ruptura espaço-temporal no cotidiano das pessoas, que passam a conviver num ambiente insólito.

Essa segunda característica da dimensão espaço-temporal da obra de José J. Veiga possui aspecto totalizante. Revela que os lugares não estão isolados do mundo ou do que acontece em outros lugares, regiões e países. Essa característica também problematiza a complexa relação da produção da existência nos lugares. Na verdade, todos estão sujeitos a enfrentar grandes dilemas nos seus lugares de vida. Devem tomar decisões importantes, debater com condições de assujeitamento e cooptação, resistir às tentativas de cerceamento da liberdade de ir e vir, ou da liberdade de expressão e, às vezes, conviver com estranhos e misteriosos objetos técnicos, cuja finalidade e funcionamento também são estranhos ao local.

Os elementos alinhavados acima estão presentes nas entrelinhas do conto “A Máquina Extraviada”. A dimensão espaço-temporal deste texto permite adentrar no complexo mundo que envolve a relação entre as pessoas e seus lugares, ou a produção da existência na sua mediação espacial. Possibilita entender melhor as transformações vivenciadas no território goiano ao longo do século XX, assim como todo e qualquer lugar atravessado pelos dilemas do mundo contemporâneo. Identifica-se, por isso, uma potencialidade de atualização da obra do autor que, apesar de ter sido escrita na década de 1960, ainda possui conteúdo bastante atual.

Essas indicações sugerem percursos de leitura, ou referências que devem estar presentes nas análises dos textos de José J. Veiga. Todavia, qual foi a leitura que os alunos do Ensino Fundamental do CEPAE fizeram do conto “A Máquina Extraviada”? Houve diferentes formas de apropriação do texto pelos alunos? Houve atualização da obra de José J. Veiga? Esses questionamentos contribuirão para se proceder com a análise dos textos que os alunos escreveram a partir de suas leituras.

## **AS DIFERENTES LEITURAS E APROPRIAÇÕES DO CONTO “A MÁQUINA EXTRAVIADA” PELOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DO CEPAE**

A leitura geográfica do conto “A Máquina Extraviada” pelos alunos do ensino fundamental do CEPAE mostra que boa parte dos educandos conseguiram identificar os elementos espaciais presentes na narrativa do autor. O texto, de leitura agradável, apresenta várias indicações de que o espaço no qual ocorre a narrativa é de uma pequena cidade interiorana. O lugar é marcado pelo tempo lento, por sociabilidades próprias e por traços

de ruralidade, como, por exemplo, a organização do ritmo de vida a partir da relação com a natureza.

Com referência aos textos produzidos pelos alunos, é possível identificar algumas características:

Seguindo o texto de José J. Veiga, observamos uma pacata cidade do interior, onde naturalmente tem seu dia a dia diferente das cidades grandes. Podemos perceber isso quando o texto mostra os seguintes aspectos: “A máquina chegou uma tarde, quando as famílias estavam jantando”. Aqui temos uma indicação da **tradição ou reunião familiar** típica de pequenas cidades ou vilarejos. Outra característica é a **liberdade das crianças** que ficam soltas, pois não há grande perigo nesses espaços (ALUNO – 9º ANO, 2015).

A partir da leitura, o texto de J. J. Veiga, “A Máquina Extraviada”, nós percebemos uma cidadezinha, provavelmente uma cidade do interior, onde **todas as pessoas se conhecem** e sempre **rola aquela fofoca**, e é **tudo muito perto** (ALUNO – 9º ANO, 2015).

Podemos afirmar que a cidade em “A Máquina Extraviada” é uma cidade pequena do interior pelo fato de que os habitantes desse local **agem com surpresa com a chegada da máquina**, podendo perceber que a mesma era **novidade** na pacata cidadezinha (ALUNA – 9º ANO, 2015).

Ao ler “A Máquina Extraviada”, é possível perceber que se trata de uma cidade do interior e do sertão. Percebe-se isto por causa da **rotina da cidade** que recebe a máquina. É uma cidade que **dorme cedo**, que **gosta de fofoca**, de **brincar na rua** e que **se anima com novidades** (ALUNA – 9º ANO, 2015).

A apropriação que os alunos fizeram do texto é bastante sugestiva. Qual foi a proposta de J. Veiga ao escrever o conto “A Máquina Extraviada” no contexto da década de 1960? Quais os referenciais utilizados pelos alunos e alunas para fazer a leitura do conto? Perguntas que podem auxiliar a pensar os sujeitos envolvidos no processo de leitura e as diferentes apropriações de um texto.

Nesse sentido, Chartier (1996) argumenta que um texto sempre está atravessado por protocolos de leitura, depositados pelo autor e pelo editor, que objetivam um determinado leitor. Todavia, sempre haverá uma tensão, tendo em vista que existe uma relativa liberdade no processo de apropriação do texto por quem realiza a leitura. Em outras palavras, percebe-se que há uma distância entre a proposta de leitura de J. Veiga (o autor) e a apropriação realizada pelos alunos (os leitores).

Para Souza (1990), J. Veiga tem preferência pelas cidades do interior, seja por lembrar seu tempo de infância, ou mesmo porque ele “amansa melhor os lugares pequenos”. Relações de convivência, de vizinhança e de ajuda mútua são bastantes presentes. Todavia, reforça o autor, a narrativa de J. Veiga sempre se passa em “espaços de transição do antigo para o novo”, de sociedades tradicionais que são “invadidas” pelo progresso. Representação essa que se contextualiza com a história do país:

Situadas em um interior brasileiro pouco antes dos anos 50, estas cidades



passam a representar, a parcializar uma face do Brasil que sofre os golpes do mito do progresso do século XX, que carrega consigo uma forma administrativa opressora, que esfarela alguns aspectos tradicionais da cultura brasileira (SOUZA, 1990, p. 71).

Partimos do pressuposto de que a leitura realizada do conto “A Máquina Extraviada”, pelos alunos do Ensino Fundamental do CEPAE, faz uma atualização da obra de J. Veiga. Ou seja, a apropriação do texto revela o sujeito da leitura: a juventude do espaço metropolitano. Sujeito que não vivenciou o período de transformação do território brasileiro através das políticas de modernização e desenvolve sua infância num espaço extremamente urbanizado e permeado pelos signos de uma sociedade global, tecnológica e informacional. Isso sugere outra pergunta: como esse sujeito olha e lê o espaço da narrativa de J. Veiga?

A partir da interpretação dos textos produzidos pelos alunos, identifica-se que o espaço representado na obra de J. Veiga é aquele que se contrapõe ao espaço metropolitano e não aquele da década de 1950 ou 1960. São lugares onde ainda é possível preservar relações e reuniões familiares, algo bastante difícil de acontecer nas grandes cidades, marcadas pelo individualismo e pela competitividade. Lugares em que as “crianças possuem mais liberdade”, para brincar e ou estabelecer relações de pertencimento com os diferentes espaços, por isso, distantes da violência metropolitana. Lugares onde “tudo é muito perto”, e as pessoas não precisam perder horas e horas para se descolar por grandes distâncias no caótico e embaraçado trânsito da metrópole. Lugares onde as pessoas “dormem cedo”, pois estão livres do ruído constante e perturbador dos carros, das máquinas e das obras intermináveis. Lugares em que há uma “expectativa quanto às novidades”, uma vez que a circulação de mercadorias ou de novas formas de consumo não disputa o desejo da juventude na mesma ferocidade que nos espaços de grandes mercados consumidores.

A dimensão espacial do conto “A Máquina Extraviada” identificada pelos alunos do Ensino Fundamental do CEPAE não é daquela cidade da década de 1950 do interior brasileiro. Tampouco, o espaço das cidades interioranas de hoje. No imaginário desses jovens leitores, prevaleceu uma dimensão simbólica de um espaço que se contrapõe ao espaço das grandes cidades. Um espaço idealizado, que denuncia as contradições da metrópole.

Outras indicações nos textos dos alunos permitem aprofundar esta análise:

A partir do conto “A Máquina Extraviada” do autor José J. Veiga, podemos perceber que a cidade em que descarregaram a máquina extraviada é uma cidade pacata, com poucos habitantes, **sem internet**, enfim, esse típico tipo de cidade do interior (ALUNA – 9º ANO, 2015).

Eu imagino essa cidadezinha, com casas antigas, **que não conhece muito a tecnologia**, ou não tem contato com ela, até porque quando chega uma máquina na cidade todos ficam espantados, encantados com aquilo tudo (ALUNO – 9º ANO, 2015).

[Nesta cidade] as crianças se juntam para brincar sem medo da violência de uma cidade grande e em feriados toda a cidade vai para um lugar só, nesta cidade, para o coreto ou para o campo de futebol. Todos esses fatores mostram uma cidade pequena, **sem tecnologia**, onde todos se conhecem (ALUNO – 9º ANO, 2015)

Nas citações acima, os alunos e a aluna argumentam que o espaço da narrativa de J. Veiga é aquele que não conhece a tecnologia, ou não tem acesso aos novos recursos tecnológicos presentes nas grandes cidades, como a internet, o *smartphone*, o *tablet*, o computador, o acesso às redes sociais, aos jogos eletrônicos etc. Nada comparado ao período histórico em que J. Veiga escreve o conto “A Máquina Extraviada” quando os principais meios de comunicação eram o telégrafo e o rádio. Ou seja, o espaço que os alunos identificaram na obra de J. Veiga é aquele que possui dificuldades de se encontrar ou fazer funcionar os recursos tecnológicos do século XXI. Mais uma vez, é o lugar que se contrapõe ao espaço metropolitano.

A forma como os alunos apresentam o espaço dessa cidade pequena, que ora aparece como “cidadezinha”, “cidade pacata”, “cidade do interior”, chama a atenção. Há uma leitura carregada de pré-conceitos, pela convicção de que nestes espaços não existem novas tecnologias, ou objetos tecnológicos, o que não é totalmente verdadeiro, tendo em vista que já é possível encontrar acesso à internet em muitas propriedades rurais de assentamento de reforma agrária.

Isso sugere pensar outro aspecto presente nos espaços das narrativas de José J. Veiga, como, por exemplo, os espaços invadidos, inóspitos e de controle. Segundo Souza (1990, p. 82), as máquinas na obra de Veiga são

vistas como invasão do cotidiano, elas são imagem para um ponto de vista crítico. Ironizando a compreensão do seu funcionamento, Veiga retira a finalidade exata desses objetos. Extraviadas, essas máquinas portam uma significação indagativa, dúvida entre o encantamento e a catástrofe que elas provocam.

Como argumenta Souza (1990), as máquinas de J. Veiga representavam o progresso, que chegava ao lugar por meio de novos objetos, geralmente estranhos. Eles transformavam a paisagem, causavam dúvidas, mistérios e contemplação. Instalam um clima de vigilância nos espaços, inaugura uma nova forma de regulação das práticas sociais, uma regulação burocratizada. Ameaçam a liberdade dos sujeitos que habitam esses lugares.

A leitura dos textos produzidos pelos alunos e a interpretação de Souza (1990) da obra de J. Veiga remete às diferentes formas de opressão e controle existentes nos diferentes espaços atualmente, sejam nas metrópoles ou nas cidades pequenas. A forte referência que os alunos fazem às “tecnologias”, e não às “máquinas”, é algo que exige uma interpretação. Em muitos momentos a palavra tecnologia aparece para desqualificar as cidades pequenas. Todavia, alguns alunos sugerem outras leituras:

A tecnologia chega e traz mistérios e dúvidas para a sociedade, muda sua rotina e costumes e acaba sendo motivo de orgulho (ALUNA – 9º ANO, 2015).

No 12º parágrafo, o autor faz uma crítica quando o rapaz cai na máquina e perde a perna, o autor queria ressaltar que **hoje em dia as pessoas estão aceitando novidades sem questionar**, sem saber se ela não causa algo de ruim na vida das pessoas, elas estão tão preocupadas com novidades que se esquecem da saúde delas [saúde em geral] (ALUNA – 9º ANO, 2015).

As duas alunas indicam que as tecnologias, ou as novidades, presentes nos espaços atuais, também geram dúvidas e precisam ser questionadas. Elas podem causar algo de ruim na vida das pessoas? Por que são motivos de orgulho?

Santos (2000) argumenta que na atualidade “vivemos num mundo confuso e confusamente percebido”. Para o autor, isso decorre do extraordinário progresso das ciências e das técnicas, que transforma a materialidade do espaço e amplia a precisão e a intencionalidade das ações. Comandada pela informação (que se alicerça na produção de imagens e de signos) e pelo império do dinheiro, essa nova materialidade também contribui para consagração de um discurso único: da economização e da monetarização da vida, individual e social. Nesse sentido, a ideologia do consumo transforma as práticas socioespaciais a tal ponto que há uma transfiguração do conceito de cidadania, que se reduz a sinônimo de consumidor.

As tecnologias, carregadas de informação, sem dúvida habitam o cotidiano da juventude metropolitana. Seriam elas representativas de novos métodos e estratégias de controle dos espaços de vida e das relações sociais?

Chaveiro (2008), ao analisar as transformações na dinâmica demográfica do Cerrado, argumenta que há na atualidade um processo de fragmentação identitária profunda do povo goiano. Com referência a Peter Pelbart, o autor diz que as mudanças na materialidade do espaço são acompanhadas pela composição de um novo sujeito, exposto as *semiotizações capitalísticas*, que encontram eco na tecnofilia, no consumismo, na quimicização da emoção, na literatura de autoajuda e no fanatismo religioso. O resultado disso é a produção de um sujeito fragilizado, entregue ao narcisismo, ao hedonismo, que privatiza o prazer e despolitiza os espaços públicos. A juventude, especialmente, transforma-se “numa espécie de categoria alienada da construção do futuro”.

A presença da palavra tecnologia na leitura dos alunos identifica, de certa forma, o peso das novas *estratégias capitalísticas de captura da subjetividade*. Representam também a “invasão” dos espaços metropolitanos e das cidades pequenas por novas imagens, novos símbolos e signos, que transformam o cotidiano. Nesse sentido, pode-se dizer que a palavra tecnologia é uma referência às novas estratégias de “controle” e “opressão”, pois contribuem para a *confusão dos sentidos* e para a formação de *identidades fragmentadas e frágeis*, principalmente entre o público jovem. O que muitas das vezes reduz a vida ao simples ato e prazer do consumo, ou seja, de ter acesso ou possuir as novas tecnologias, sem o mínimo cuidado de questionar suas aplicações e finalidades.

## **A RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E GEOGRAFIA: A CONTRIBUIÇÃO DA OBRA DE JOSÉ J. VEIGA PARA LEITURA ESPACIAL DA PRODUÇÃO DA EXISTÊNCIA HUMANA**

Para Braga e Almeida (2014), Geografia e Literatura são linguagens diferentes, uma científica e outra literária. Todavia, podem ser interpretadas na sua complementariedade: a Geografia, por meio de seus conceitos, quer entender o espaço dos homens; a Literatura, através da arte e da estética, oferece múltiplos significados dessa espacialidade, principalmente no que se refere aos sentimentos e a dimensão existencial das práticas humanas.

As obras literárias possibilitam, assim, a contextualização dos lugares, pois é da realidade concreta que os autores constroem seu universo ficcional, que evidencia relação estreita entre espaço e literatura.

Contudo, o diálogo com a Geografia e a Literatura não se restringe apenas ao lugar. Deve se estender para considerar o conteúdo geográfico e a criação literária, relacionar o aspecto espaço-temporal. Em outras palavras, avaliar o embaralhamento de escalas existente na dimensão espacial da obra e a variação de sentidos presentes no conteúdo temporal da construção narrativa (MONTEIRO apud BRAGA; ALMEIDA, 2014).

As ideias acima permitem avançar no sentido de entender a relação entre os dois campos de saber aqui abordados. A proposta segue com objetivo de superar a leitura meramente espacial da uma obra literária. Há uma perspectiva de valorização dos aspectos estéticos da arte, uma vez que por eles é possível adentrar ao universo, complexo e multifacetado, da experiência existencial da vida. Assim,

O diálogo entre Geografia e Literatura tem como propósito adentrar na complexidade do espaço e proporcionar uma leitura mais profunda dos elementos essenciais da formação de uma cultura (BRAGA E ALMEIDA, 2014, p. 8).

Nesse sentido, há que se reconhecer a potencialidade da obra de José J. Veiga de se problematizar o difícil e complexo ato de produzir a existência nos lugares e espaços de vida. De forma carnavalesca, criativa e inventiva, o autor apresenta formas contraditórias e conflituosas de se encarar o convívio com acontecimentos inesperados e improváveis. Eles submetem as pessoas a condições de cerceamento, de medo e de violência, física e subjetiva. Fatos inusitados que, contraditoriamente, podem gerar admiração, contemplação e devoção. Relacionado ao contexto histórico e político do País, José J. Veiga faz uma leitura crítica, irônica e extremamente qualificada do período da ditadura militar. Ao mesmo tempo, faz pensar acerca dos desafios que as estruturas de poder imputam às pessoas, nos espaços da produção da existência.

Ao falar da leitura das obras de José J. Veiga, Souza (1990, p. 83) argumenta que

seus livros possibilita um envolvimento entre o individual e o coletivo, num processo de percepção dialética do poder sob o qual vivemos. Daí que sua obra é de alto teor político, uma vez que lança o homem na tomada de consciência da sua existência dependente de estruturas de poder opressivo.

“A Máquina Extraviada”, ao chegar à cidade pequena do sertão, causa dúvida, estranhamento e admiração. Esquecida de sua verdadeira finalidade, ela contribui para introduzir outro ritmo de vida ao lugar. Todos se submetem a uma nova ordem de regulação da vida social. As senhoras, ao se aproximarem da máquina, emitem sinais de devoção; os valentões da cidade olham o novo objeto com respeito, indicando novas formas de assujeitamento; as autoridades locais, numa posição de subserviência, colocam-se de prontidão e prestam serviços de cuidado e zelo com o objeto recém-chegado; o caixeiro da loja, que sofre grave acidente na máquina, torna-se servo de seu algoz; o vigário, preocupado com o clima de admiração, emite ecos de contestação.

O lugar ganha caráter universalizante, descola-se da singularidade de sertão e é atravessado pelos símbolos da modernidade: o tecnicismo, o individualismo dos sujeitos que descarregaram a máquina e a violência e a desvalorização da vida humana. A técnica torna-se um novo fetichismo, pois nenhuma pessoa na cidade sabe como utilizar a máquina, tampouco sua finalidade. O espaço é transformado pelo atravessamento de elementos de estranhamento e alienação. O futuro torna-se incerto e duvidoso, e o cotidiano produz novos sentidos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a leitura geográfica que os alunos do Ensino Fundamental CEPAE fizeram do conto “A Máquina Extraviada” permitiu entender a complexidade do processo de apropriação dos textos e dos discursos. Conforme observa Orlandi (2006), há diferentes fases que envolvem a relação do sujeito com o processo de significação. Da mesma forma, não é possível reduzir o ato de leitura apenas à capacidade de decodificação do sistema linguístico. O sujeito faz a leitura a partir da sua relação com o mundo, com a sociedade em que está inserido.

No caso em estudo, pode-se dizer que os alunos demonstraram habilidades de leitura que vão do inteligível ao interpretável, conforme proposta de Orlandi (2006). Todavia, identificou-se a ausência da desconstrução da relação entre enunciação-enunciado, da desconstrução da relação entre a produção do significado e a constituição do sentido. Etapa que requer perceber os sujeitos envolvidos no processo de leitura e apropriação do discurso, como o autor, o editor e o leitor, por exemplo.

Contudo, analisar a leitura que os alunos fizeram do conto “A Máquina Extraviada” também permitiu lançar novos olhares sobre os sujeitos leitores, a juventude do espaço metropolitano. Nos textos produzidos pelos alunos há indicativos de uma atualização da obra de José J. Veiga, bem como da valorização das novas tecnologias nas práticas sociais da juventude contemporânea. Entende-se que os novos recursos tecnológicos passam a mediar o ato de leitura desses sujeitos, mas também contribuem para consolidação de novas estratégias de controle e captura da subjetividade.

Dessa forma, reforça-se ainda mais a importância da formação de jovens leitores, com diferentes habilidades: leitura, decodificação, associação e compreensão. Capazes de problematizar as práticas sociais atuais e as novas formas de alienação e opressão da autonomia dos sujeitos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AURORA NETA, Maria. Jovens leituras e jovens leitores. In.: SANTOS, A. P. et al. **Leitura, Espaço e Sujeito**. Goiânia: FIC/FUNAPE/LABOTER, 2014.

BRAGA, Helaine da Costa; ALMEIDA, Maria Geralda. A interface da geografia com a literatura: reflexões sobre fundamentos teóricos e metodológicos. In.: SANTOS, A. P. et al. **Leitura, Espaço e Sujeito**. Goiânia: FIC/FUNAPE/LABOTER, 2014.

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de leitura**. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. pp. 77-105.

\_\_\_\_\_. Textos, impressos, leituras. In.: \_\_\_\_\_. **A história cultural: entre práticas e representações**. Trad. M. Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. pp. 121-139.

CHAVEIRO, Eguimar Felício; CALAÇA, Manuel. A dinâmica demográfica do Cerrado: o território goiano apropriado e cindido. In.: GOMES, Horieste (Org.). **Universo do Cerrado**. Goiânia: Ed. da UCG, 2008.

ECO, Umberto. O leitor-modelo. In.: \_\_\_\_\_. **Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos**. Trad. Atílio Cancian. São Paulo: 1986. pp. 35-51.

FOUCAULT, Michel. Resumo do curso. In.: \_\_\_\_\_. **A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)**. Trad. Márcio A. Fonseca e Salma T. Nuchail. 3ª ed. São Paulo: WMF Martinsfontes, 2010. pp. 441-454.

LUSTOSA, Isabel. Conversa com Roger Chartier (2004). Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/conversa-com-roger-chartier/>> Acesso em: 10 nov. 2015.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

\_\_\_\_\_. **À mesa com o Chapeleiro Maluco: ensaios sobre corvos e escrivainhas**. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. O inteligível, o interpretável e o compreensível. In.: \_\_\_\_\_. **Discurso e leitura**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, A. P.; CHAVEIRO, E. F.; VILELA, B. P. Espaço e leituras fragmentadas: construção de leitores e preconceitos em leitura. In.: SANTOS, A. P. et al. **Leitura, Espaço e Sujeito**. Goiânia: FIC/FUNAPE/LABOTER, 2014.

SANTOS, Milton. **Por outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 17. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SOUZA, Agostinho P. de. **Um olhar crítico sobre o nosso tempo: uma leitura da obra de José J. Veiga**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

VEIGA, José J. **A hora dos ruminantes**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

\_\_\_\_\_. A máquina extraviada. In.: \_\_\_\_\_. **A máquina extraviada**. Rio de Janeiro: Prelo, 1968. pp. 93-97.

WOLF, Maryanne; BARZILLAI, Mirit. **The Importance of Deep Reading (2009)**. <[https://www.mbaea.org/documents/resources/Educational\\_Leadership\\_Article\\_The\\_\\_\\_D87FE2BC4E7AD.pdf](https://www.mbaea.org/documents/resources/Educational_Leadership_Article_The___D87FE2BC4E7AD.pdf)> Acesso em: 10 nov. 2015.

*Recebido em junho de 2017.*

*Aprovado em dezembro de 2017.*